

# Tráfico de animais silvestres traz riscos à biodiversidade e ameaças à saúde silvestre e humana

O tráfico de animais silvestres é um dos comércios ilegais mais rentáveis e a terceira prática clandestina mais lucrativa no mundo, atrás somente do tráfico de drogas e de armas (ONU).

Por sua rica biodiversidade, o Brasil é um dos países mais afetados pela retirada ilegal de animais de seus habitats naturais para a comercialização.

Os destinos dos animais vivos são zoológicos, colecionadores, laboratórios para testes e fabricação de medicamentos. Mas muitos deles são mortos para a venda de peles, ossos, dentes, como os casos de avanço da caça da onça pintada e tradicionalmente de jacarés.

De acordo com informações do Ibama, os estados onde ocorrem a maior parte das capturas de animais são Maranhão, Bahia, Ceará, Piauí e Mato Grosso. Já os estados com o maior mercado consumidor são São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Aproximadamente 90% dos animais silvestres morrem logo depois de retirados de seu habitat natural.

Informações levantadas pela Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres – Renctas, apontam que cerca de 38 milhões de animais são retirados de seus habitats naturais, anualmente, no Brasil.

A falta de cuidados apropriados com os animais silvestres durante o tráfico é um risco importante para a saúde não só dos animais, mas também para aqueles que os traficam e compram. Animais silvestres hospedam espécies de parasitas próprias de suas espécies e estas podem se tornar agentes infecciosos para as pessoas e outros animais.

Dentre estes microrganismos estão vírus como o da raiva e Herpes vírus, comuns entre mamíferos, e que são transmitidos pela saliva e outras secreções animais.

Os agentes infecciosos que são transmitidos pela ingestão de fezes ou por alimentos e objetos contaminados pelas fezes impactam de modo importante os animais silvestres vítimas do tráfico, bem como daqueles que os manipulam. Isso porque as condições de maus-tratos as quais são submetidos e o confinamento compartilhado com indivíduos, às vezes com outras espécies, aumentam o risco da circulação e infecção destes microrganismos.

Entre estes são comuns as bactérias como as *Campylobacter* e *Salmonella* nas serpentes, jabotis e outros répteis e também nas aves, assim como protozoários entre estes as amebas e *Giardia*, dentre muitos outros.

Vale ainda, salientar que a manutenção destes animais encarcerados, em locais onde existem vetores é um risco adicional à saúde de todos. Engaiolados, eles se tornam a fonte de infecção para mosquitos, carrapatos e outros vetores, que uma vez infectados, dispersam agentes infecciosos para humanos e outros animais.



Foto: João Leite – Registro SISS-Geo 5406, em 14/02/2019, no entorno do Parque Nacional Serra da Capivara, PI.

O tráfico de primatas, por exemplo, pode ser uma das fontes de dispersão da Febre Amarela (Mascheretti et al., 2013) e de muitos outros patógenos, como o agente da Tuberculose.

Por todos esses motivos e, ainda, por saber que muitos destes organismos infecciosos são desconhecidos da ciência, assim como as doenças que podem causar, identificamos o tráfico e a comercialização de animais silvestres como prática de alto risco para a saúde humana e de animais.

No Brasil, o controle e a fiscalização de animais silvestres são feitos pelo Ibama e pela Polícia Militar Ambiental dos estados.

A denúncia do tráfico e comercialização ilegal de animais pode ser feita anonimamente.

## DENUNCIE

**IBAMA: 0800-618-080**

**LINHA VERDE: [linhaverde.sede@ibama.gov.br](mailto:linhaverde.sede@ibama.gov.br)**



Fonte: Campanha ICMBio

<http://www.icmbio.gov.br/portal/ultimas-noticias/4905-traffic-de-animais-contribui-para-extincao-de-especies>

## Parcerias apoiam órgãos de controle de tráfico animais silvestres



Diversas organizações da sociedade civil se empenham em auxiliar o combate e a repressão ao tráfico e a comercialização ilegal de animais.

O problema é tão disperso pelo País que é importante a participação e a ação de toda a sociedade.

A Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres – Renctas dedica-se exclusivamente ao tema e desenvolve treinamentos e capacitação de agentes públicos no combate ao tráfico de animais silvestres, além de atividades educativas e relatório com a consolidação dos dados nacionais.

### Entrevista: Dener Giovanini \*

**CISS** - Quais os procedimentos que o Brasil adota para controlar e prevenir a entrada de novos patógenos que podem chegar ao País com o comércio legal e ilegal de animais silvestres?

**Dener Giovanini** - O Brasil como quase a totalidade dos países, possui mecanismos de controle e fiscalização sanitária para evitar a entrada de agentes zoonóticos. No entanto, alguns países possuem protocolos, condições e estruturas muito melhores do que o Brasil que, em grande parte das suas fronteiras não tem nenhum dispositivo de fiscalização sanitária. As fronteiras secas só na Amazônia somam cerca de 11 mil quilômetros, por onde entram vários produtos ilícitos entre eles, animais ilegais. Não podemos afirmar que o Brasil possui um controle de fiscalização eficiente porque não está presente em todas as zonas de fronteiras e os postos de controle, principalmente nos aeroportos e em alguns portos, carecem de infraestrutura no momento e pós momento da fiscalização. Se não me engano, temos apenas um centro de quarentena de animais apreendidos em Cananeias em São Paulo, com capacidade muito limitada.

Gostaria de destacar duas questões que considero importantes: por melhor que seja em qualquer país do mundo, a fiscalização sanitária só vai funcionar para o que entra legalmente no País ou seja, o que entra por meio de mecanismos ilegais não passa por nenhum controle sanitário e este é o grande perigo. A Renctas alerta que o Brasil ainda precisa evoluir bastante no controle sanitário de suas fronteiras principalmente no que diz respeito à entrada da fauna ilegal. Um outro aspecto importante a se considerar, são os patógenos trazidos por exemplo pelas aves migratórias e a circulação de patógenos internos. Animais trazidos ilegalmente da natureza para o consumidor final podem ser uma “bomba biológica” trazendo agentes de doenças conhecidas e desconhecidas e conseqüentemente graves problemas de saúde pública. Portanto, temos que ficar atentos para o que entra pelas fronteiras e o que circula internamente com o tráfico de animais silvestres.

**CISS** - Como as tecnologias de informação e a participação social podem auxiliar no controle e ações de combate ao tráfico de animais silvestres?

**Dener Giovanini** - As tecnologias de informações podem contribuir muito. Existe uma força importante das redes sociais que denunciam, alertam e conscientizam a população sobre danos ecológicos, sanitários, sociais e econômicos causados pelo comércio ilegal de animais. Por outro lado, as mídias sociais acabam funcionando como a grande vitrine para os traficantes aumentando a exposição do seu “produto”. O comércio virtual ilegal é um problema novo no Brasil que precisamos enfrentar e que infelizmente ainda não estamos devidamente preparados. A Renctas tem acompanhado esse comércio virtual reunindo dados e informações que nos asseguram uma forte preocupação e medidas a serem tomadas.

**CISS** - Quais os desafios da Renctas e como a preocupação com a saúde e animal estão inclusas nas ações da Rede?

**Dener Giovanini** - A nossa principal preocupação é estarmos sempre nos atualizando e tornando as informações disponíveis com dados cada vez mais precisos sobre essa atividade criminosa.

Por se tratar de uma atividade ilegal sem registros e controles, o monitoramento é um trabalho difícil. É um grande desafio para a Renctas buscar prognósticos e simulações de cenários a curto, médio e a longo prazo deste comércio legal. Outro grande desafio é a sustentabilidade institucional da Renctas que não recebe recursos públicos e é apoiada por doações de pessoas físicas e/ou de empresas comprometidas com a causa ambiental. A saúde humana e dos animais são preocupações sempre presentes e intimamente ligadas: enquanto existirem desequilíbrios ambientais, teremos a raça humana como alvo preferencial. Entre essas conseqüências está o aparecimento de doenças emergentes e reemergentes.

\* Dener Giovanini é fundador e coordenador geral da Renctas (Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres), jornalista, documentarista cinematográfico e ambientalista.